

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

ANA PAULA WEIMER DO AMARAL

**A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PÚBLICA: O PRAZER E O
SOFRIMENTO NO TRABALHO**

Porto Alegre
2020

ANA PAULA WEIMER DO AMARAL

**A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PÚBLICA: O PRAZER E O
SOFRIMENTO NO TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Administração Pública e Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como pré requisito para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Prof.(a) Dra. Maria Beatriz Rodrigues

Porto Alegre
2020

ANA PAULA WEIMER DO AMARAL

**A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PÚBLICA: O PRAZER E O
SOFRIMENTO NO TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Administração Pública e
Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
como pré requisito para obtenção do título de Bacharel
em Administração.

Orientador: Prof.(a) Dra. Maria Beatriz Rodrigues

Conceito Final:

Aprovado em: Porto Alegre, _____ de _____ de 2020.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: Profa. Dra. Maria Beatriz Rodrigues
Universidade

Prof. Dr.
Universidade

Prof. Dr.
Universidade

Dedico este trabalho a todos os professores, que diariamente se dedicam para construção de um futuro melhor a milhares de crianças e adolescentes. Somente com a união e a luta de todos, conseguiremos transformar o nosso país em um lugar mais justo para todos.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, que infelizmente não está mais aqui para compartilhar desse momento ao meu lado, mas sempre me amou incondicionalmente e incentivou a nunca desistir, por mais difícil que pareça ser o caminho. Mãe essa conquista é para você!

Às minhas grandes amigas, Alice, Marília, Pollyana e Cristina, por sempre estarem ao meu lado em todos os momentos.

A todos que fizeram e fazem parte de minha vida profissional.

À UFRGS, por todo conhecimento que conquistei ao longo do curso.

A todos os professores e funcionários da Escola de Administração, que ao lado dos alunos garantem a excelência no ensino. Especialmente aos professores da área de públicas pela dedicação e estímulo.

À professora Fernanda Tarabal Lopes, por me apresentar as Clínicas do Trabalho e me incentivar na realização deste trabalho.

À minha orientadora, Prof.(a) Dra. Maria Beatriz Rodrigues, por acreditar na minha ideia e confiar na minha pesquisa, de forma a entrar nessa jornada comigo de corpo e alma.

O meu muito obrigado!

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MARE – Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado

SAEB – Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

RESUMO

Este estudo aborda a gestão pública da educação, suas relações de trabalho e implicações para a vida social. Utiliza-se da abordagem da psicodinâmica do trabalho e sua compreensão da realidade para assimilar as atividades docentes, a partir do olhar de uma professora da rede pública do Estado do Rio Grande do Sul. Mediante a metodologia de história de vida, o estudo teve como objetivo entender como as relações existentes dentro do ambiente escolar e, conseqüentemente, no âmbito social, são capazes de gerar sofrimento ou prazer aos professores. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, com a finalidade de relatar a vida de uma professora, sua luta pela educação pública de qualidade e sua percepção dos fatos que cercam a sua realidade. Após vários encontros com a professora, os dados obtidos propiciaram captar os vínculos entre prazer, sofrimento e a profissão docente, bem como a influência dos fatores sociais e organizacionais no trabalho e na saúde da mesma, além disso, se destaca a importância que a subjetividade teve no entendimento das estratégias defensivas e de enfrentamento das situações vivenciadas.

Palavras-chave: Trabalho, Trabalho Docente, Prazer e Sofrimento, Gestão Pública.

ABSTRACT

This work addresses the public management of education, its labor relations and implications for social life. It uses the psychodynamic approach to work and its understanding of reality to assimilate teaching activities from the perspective of a public school teacher in the state of Rio Grande do Sul. Using the life history methodology, the study aimed to understand the existing relationships within the school environment, and consequently in the social sphere, is capable of generating suffering or pleasure for teachers. It is qualitative research, with the purpose of reporting the life of a teacher, her struggle for quality public education and her perception of the facts that surround her reality. After several meetings with the teacher, the data obtained made it possible to capture the links between pleasure, suffering and the teaching profession, the influence of social and organizational factors at work and on her health, in addition, the importance that subjectivity had in the understanding of defensive strategies and coping with experienced situations.

Keywords: Work, Teaching Work, Pleasure and Suffering, Public Management.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	10
1.1 OBJETIVOS GERAIS	14
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
2. REVISÃO TEÓRICA	15
2.1 A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA GESTÃO ESCOLAR	15
2.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO E A SOCIEDADE	18
2.3 A PSICODINÂMICA DO TRABALHO	21
2.4 O PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DO PROFESSOR PÚBLICO	25
3. METODOLOGIA	29
4. A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PÚBLICA – O CASO DE CONCEIÇÃO	32
4.1. HISTÓRIA FAMILIAR: DA PERIFERIA PARA A UNIVERSIDADE	32
4.2. TRABALHO E LUTA: DA SALA DE AULA PARA A RUA	35
4.3. REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA SOBRE A CARREIRA DOCENTE ATUAL	39
4.4. CONCLUSÕES SOBRE A HISTÓRIA DE VIDA DE CONCEIÇÃO	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	46

1.INTRODUÇÃO

O momento atual do capitalismo, marcado pela globalização, tem transformado as relações de trabalho e causado novos sofrimentos a diversos profissionais. A racionalidade instrumental derivada dessa lógica capitalista é caracterizada pelos seguintes fatores: acumulação, desigualdades, crescimento do individualismo e obsessão por competição. Assim, o desemprego, a pressão, as condições precárias de trabalho, os salários baixos, muitas vezes congelados e/ou parcelados, são algumas consequências deste novo mercado, levando os trabalhadores a uma sobrecarga física e psíquica que caracteriza o sofrimento no trabalho.

Os estudos sobre o prazer e o sofrimento no trabalho, são já consagrados no meio acadêmico e acrescentam significância ao conhecimento quando se debruçam e atualizam as transformações das condições e relações de trabalho. E dentre os exemplos de significativo destaque nesses estudos, está a carreira do professor. O papel do professor não se limita às paredes de uma sala de aula, nem ao puro repasse de conhecimento, pelo “simples” fato de transformar o saber e o ensinar em profissão. Os docentes passam por vários desafios, alguns decorrentes das condições de vida dos alunos, situação a qual que se torna mais incisiva na esfera da educação pública. Na escola, muitas vezes acabam por representar um importante suporte para os alunos, mesmo sem o devido respaldo ou capacitação para a função. Sendo uma entre as inúmeras esferas da vida escolar, decorrentes da precariedade da educação em nosso País.

No Rio Grande do Sul, assim como em todo o Brasil, o serviço público vem sofrendo ataques que tentam descaracterizar a sua relevância para a vida social. E os professores acabam sendo exemplos vivos dessa situação, pois, na maioria das vezes se tornam o principal alvo, tendo o trabalho desvalorizado por governos coniventes e promotores desta precarização da educação pública e do desmonte do aparelho Estatal.

Por isso, o presente estudo tem como propósito destacar como essas questões, entre outras, que envolvem a profissão do professor público, influenciam o seu olhar quanto à carreira docente e como tudo isso se relaciona à discussão do prazer e sofrimento. Parte-se de alguns fatos: o trabalho do professor é central, porém, vem se tornando, cada vez mais, dificultado.

A estrutura organizacional é um meio para que o indivíduo experimente um sentimento de pertencimento, pois estimula o reconhecimento por seus pares, e o faz membro de um coletivo. Este reconhecimento social é necessário para a saúde mental, dentro e fora do ambiente organizacional (DEJOURS, 1996).

Entretanto, há situações em que o trabalho se torna um sofrimento, gerando danos à saúde psíquica do sujeito. Para compreender tais situações se faz decisiva a história de vida e memória afetiva do trabalhador ao superar ou não o sofrimento causado pela organização e relações de trabalho, conceito tratado na psicologia do trabalho como ressonância simbólica (DEJOURS, 1996).

Gernet e Dejours (2011) enfatizam a importância do reconhecimento no trabalho:

O reconhecimento pelo outro é indispensável para a avaliação de uma descoberta exitosa na sua confrontação com o real. Quando o sujeito está apartado do real e do reconhecimento pelo outro, ele é remetido à solidão da loucura, conhecida pelo nome de “alienação mental”. Quando o sujeito mantém uma relação suficiente com o real por intermédio de seu trabalho sem que seu trabalho seja, no entanto, reconhecido pelo outro, ele está condenado à solidão alienante que Sigaut designa pelo nome de “alienação social”. Esta situação é perigosa e não sustentável no longo prazo para quem nela se encontra encerrado. O sujeito é levado, seja a duvidar da relação que ele mantém com o real, o que o leva a duvidar dele mesmo, ou a manter sua convicção a qualquer preço, e então o risco que ele corre é o de cair na autorreferência e na megalomania. (GERNET; DEJOURS, 2011, p. 64).

O reconhecimento é fundamental no trabalho, mas pode também resultar em pressões e fontes de sofrimento. Segundo Souza (2007), deve-se observar o formato de avaliação, que cada vez mais se utiliza de parâmetros da ideologia capitalista, ou seja, mede a qualidade pelo índice de produtividade gerado pelos indivíduos, que deve ser alto. Partindo desse pressuposto, a LDB nº 9394/96 define que é de responsabilidade da União avaliar o ensino em todos os níveis, compondo assim o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). E é a partir desses resultados, que se condiciona a distribuição de verbas e a alocação dos recursos conforme os critérios de eficiência e produtividade (SAVIANI, 2008).

Para Czekster, a precarização das condições do sistema público de ensino no Brasil gera um quadro de desconforto, a ponto de compelir o professor a realizar funções que vão além das suas:

A escassez crônica de recursos materiais exige que o profissional se envolva numa articulação permanente com a comunidade em busca de

apoio financeiro. Não raro, cabe ao professor também zelar pelo patrimônio da escola, recreios e locais de refeições. Tudo isso se reflete em um aumento não reconhecido e não remunerado da jornada de trabalho. (CKZEKSTER, 2007, p. 10)

Essas situações são geradoras de diversos sentimentos, podendo resultar, simultaneamente, em prazer e sofrimento nos indivíduos. Esse intercalar-se de sentimentos é normal no trabalho, porém, se os sentimentos de sofrimento prevalecerem aos de prazer, o equilíbrio do sujeito passa a correr riscos. Portanto, deve-se observar quando as situações de trabalho causam muito sofrimento, de forma a dificultar que o trabalhador ressignifique esses sentimentos, gerando um desgaste à sua saúde mental.

Diante desse breve panorama, este estudo tem como propósito responder a seguinte pergunta: Como a organização do trabalho docente público influencia na produção de prazer ou sofrimento?

Essa questão de pesquisa será discutida por meio da coleta de história de vida de uma professora pública, com longa e atuante experiência no magistério e na política sindical. Para tanto, se apresenta importantes elementos constitutivos da definição deste tema, destacando a importância do trabalho, a discussão sobre a influência do neoliberalismo na gestão escolar, a importância da psicodinâmica do trabalho como temática e como o prazer e sofrimento podem ser considerados termômetros de saúde no trabalho docente. Por fim, se têm descritas as observações desta pesquisa no que se refere ao campo empírico, que dizem respeito à percepção de uma professora pública do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente, o caso de vida e trabalho de Conceição¹.

Essa pesquisa justifica-se pelo momento atual do Brasil, no qual, dentre as inúmeras discussões que vêm ocorrendo sobre a sociedade, destaca-se a depreciação da educação e da carreira de professor. Na perspectiva atual da gestão pública, na qual, cada vez mais, o neoliberalismo domina os mecanismos de administração, os servidores devem ser o foco dos estudos sob a perspectiva da psicodinâmica do trabalho, já que os mesmos formam uma das categorias que muito sofrem com os impactos deste modelo de gestão.

Nessa perspectiva, sendo a educação um dos pilares da sociedade, que contribui na formação de cidadãos que darão continuidade ao desenvolvimento do

¹ O nome conceição é um nome fictício e foi escolhido pela professora com a intenção de homenagear a escritora Conceição Evaristo.

país, a carreira docente está deixando de ser uma alternativa que desperta o interesse das pessoas. A cada ano, há uma redução do quadro de professores e de pessoas interessadas na carreira docente. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica (INEP) de 2018, que mede todos os níveis da educação (do Infantil ao Médio) de todas as redes (Federal, Estadual, Municipal e Privada), pelo segundo ano consecutivo houve uma queda no número de novos professores no Rio Grande do Sul passando de 118.189 professores em 2017 para 117.520 no ano de 2018. Quando se olha somente do ponto de vista do ensino na rede Estadual, segundo o Censo (INEP, 2018) o número de professores que deixaram de dar aula em um ano foi de 1.379, ou seja, em 2017, havia 45.061 professores vinculados à rede estadual gaúcha, no ano de 2018, esse total caiu para 43.682. Todo esse cenário resulta em jornadas de trabalho exaustivas e condições precárias para a prática do ensino no Rio Grande do Sul.

Desta forma, esta pesquisa se faz necessária à medida que os estudos da área da administração pública têm a tendência a perceber a gestão como método do fazer, agir, e não as pessoas que nelas estão inseridas. Assim, aliado à crítica sobre a precarização do ensino, os professores, como agentes de disseminação do saber, precisam ser devidamente valorizados e ouvidos, tanto pelas autoridades governamentais como pela sociedade civil.

Observando a subjetividade dos que trabalham na educação, a classe docente se torna relevante ao sistema público de ensino, pois é a partir desta compreensão que se poderá construir uma educação integrada, entre gestão pública e docência. Só essa justificativa já seria o suficiente para se compreender o presente trabalho, porém este estudo possibilita também contribuir na tomada de decisão da gestão pública quanto às necessidades da escola pública. Outra contribuição importante passa pelo entendimento de como o ambiente escolar infere de forma positiva ou negativa na vida dos profissionais da educação, assim permitindo ajudar no aperfeiçoamento da qualidade do ensino público no Rio Grande do Sul.

1.1 OBJETIVOS GERAIS

O Objetivo Geral desta pesquisa é: entender a partir da história de vida de uma professora pública o que gera prazer e sofrimento no trabalho docente, os reflexos disso na sua vida pessoal e profissional e a percepção da mesma quanto à carreira do professor público no Rio Grande do Sul.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

– Identificar as fontes geradoras de prazer e de sofrimento, através da história de vida de uma professora pública.

– Compreender como a professora sente prazer no trabalho e como a mesma minimiza o sofrimento, identificando quais os meios utilizados para reduzir, ocultar e até mesmo transformar o sofrimento em prazer.

– Relacionar as condições do trabalho docente no Estado do Rio Grande do Sul com as fontes geradoras de prazer e sofrimento e como isso pode repercutir na vida pessoal, social e profissional do professor.

2. REVISÃO TEÓRICA

2.1 A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA GESTÃO ESCOLAR

O neoliberalismo é um dos temas mais explorados no âmbito educacional atual, esse sistema que, ao ser implantado, traz consigo uma série de consequências, como a tendência universal do capitalista em transformar tudo em mercadoria, e a educação, saúde, cultura e esportes não ficaram isentos.

A influência neoliberal tem sido muito forte no Brasil, tendo iniciado no país na década de 90, no governo de Fernando Collor, o então presidente com o intuito de sair da dependência própria de país de terceiro mundo investiu nas ideias neoliberais (SALLUM JÚNIOR, 2011). Com isso, podemos refletir que a educação a partir daquele momento começou a ser de extrema importância para a difusão dos ideais neoliberais.

Marrach (1996) explica que a retórica neoliberal confere um papel estratégico para a educação com três objetivos: (1) prepara para o trabalho atrelado a educação escolar e a pesquisa acadêmica ao imperativo do mercado; (2) assegura que o mundo empresarial tenha interesse na educação, por que deseja uma mão de obra qualificada, apta para a competição no mercado; (3) valoriza as técnicas de organização, capacidade de trabalho cooperativo e o raciocínio de dimensão estratégica.

A materialização desta orientação econômica ocorreu no Plano de Reforma do Aparelho do Estado, de 1995, cujo teórico responsável por sua consolidação, Luiz Carlos Bresser Pereira, alegou que a sociedade vivia em “uma crise fiscal do Estado, uma crise do tipo de intervenção estatal e uma crise de forma burocrática de administração do Estado” (PEREIRA; SPINK, 1999, p. 23).

Quando assumiu o governo brasileiro, Fernando Henrique Cardoso (FHC) argumentou que a estabilização financeira era algo imprescindível para futuras reformas no país. O Brasil encontrava-se em meio à crise da dívida externa, e o diagnóstico sugerido foi a redução do tamanho do Estado e dos gastos desnecessários. Propôs, então, a reforma do Estado e, para sua efetivação, criou o Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado (MARE), tendo nomeado, como ministro, Luiz Carlos Bresser-Pereira.

A gestão dos serviços públicos passa a ter enfoque na eficiência e no controle de resultados, validando assim o gerencialismo na gestão pública, partindo do princípio de que a lógica de gestão da esfera privada é mais eficiente do que a da esfera pública. Os serviços do Estado não se constituem mais em direitos, visto que, além de cidadãos, passou-se a ser clientes-consumidores dos serviços públicos.

A Administração Pública Gerencial acompanha o modelo existente no setor privado e com a Emenda Constitucional Nº 19, de 4 de junho de 1998, acaba por afirmar a eficiência em seu texto, que posteriormente veio a reger a Administração Pública (MARE, 1998).

Como pode ser observado, a influência neoliberal tem sido muito forte dentro da administração pública no Brasil e conseqüentemente na educação, pois, para seus defensores, o ensino de forma geral deve funcionar seguindo os preceitos já discutidos anteriormente.

Assim, com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), sancionada pelo Presidente da República em 20 de dezembro de 1996 (lei 9.394) e publicada no Diário Oficial da União, objetivou-se a aquisição de novas competências e habilidades pelos indivíduos. Sobre isso, Bianchetti (2005) afirma que o primeiro ponto crucial é a descentralização de poderes e das responsabilidades atribuídas, tendo em vista que a lei aponta que o ensino fundamental é prioridade e de responsabilidade dos Estados e Municípios. E a educação infantil como responsabilidade dos Municípios.

O desaparecimento de um poder centralizador permitia que a maioria das atividades de serviços do governo poderia ser delegada vantajosamente a autoridades regionais ou locais, totalmente limitadas em seus poderes coercitivos pelas regras ditadas por uma autoridade legislativa superior. (BIANCHETTI. 2005, p.101)

As competências e obrigações da União em relação ao sistema educacional brasileiro estão expressas nos artigos 8 e 9 da LDB, as dos Estados estão no artigo 10, e a dos municípios estão explícitas no artigo 11, da mesma Lei.

As definições advindas da Constituição e da LDB possibilitam assentar o terreno da gestão educacional como espaço das ações dos governos, sejam eles federais, estaduais e municipais. Diz respeito, portanto, aos seus diferentes órgãos, assim como aos seus integrantes, desde os detentores de cargos mais elevados aos mais simples servidores.

Assim conforme Peroni e Adrião (2005) os defensores dessas reformas apontam “um excessivo gasto governamental gerado pela permanente necessidade de se legitimar, por meio do atendimento, às demandas da população por políticas sociais” (p. 138).

A disseminação deste modelo de política foi o começo do impacto do neoliberalismo sobre o trabalho e sobre a educação.

A educação, como a religião e o direito, não tem uma história à parte; constitui-se em parte integrante do todo social, captado por suas determinações econômico-sociais. A forma assumida pelo processo de trabalho determina as características e o significado da educação. (TRAGTENBERG, 2004, p.77)

Em seu papel de modelo hegemônico, enquanto o neoliberalismo define como vilões do atraso todas as forças sociais que lutam por igualdade e justiça social, a política de direita é promovida à modernidade, expressando o desmanche do patrimônio público via privatizações e a defesa do modelo de Estado mínimo. Assim, deve-se refletir:

Faz parte intrínseca do sistema democrático o conhecimento, por parte de todos, dos direitos e deveres, das leis e valores e, sobretudo, de ter condições de uma participação crítica nos destinos de um país. Ora, com maior razão, tal exigência se faz mais presente quando se está diante de um sistema de ensino. [...] Uma lei ou norma só será sustentável se ela estiver alinhada na consciência e na prática dos educadores. [...] O que existe em matéria de gestão democrática é uma substância necessária para sua efetivação, mas ainda não é suficiente. A cidadania como meta de uma república federativa e democrática não se instaura sem a presença forte dos governados. (CURY, 2005, p.10)

Outra questão importante, e que deve ser considerada quando se trata de educação, é a autonomia do sistema educacional e das escolas, que são locais sociais, organismos vivos e dinâmicos, e devem ser entendidos desta forma.

[...] as reivindicações por maior autonomia para as escolas têm sido respondidas pelo Estado como possibilidade de descentralização administrativa e financeira. A autonomia pedagógica, compreendida como liberdade de cada escola construir o seu projeto pedagógico, tem caráter limitado já que, em muitos casos, tais projetos são elaborados de acordo com critérios de produtividade definidos previamente pelos órgãos centrais e garantidos pelos processos de avaliação. (OLIVEIRA, 2000, p. 104)

Um dos traços da reforma da gestão educacional, que possui características do Neoliberalismo, é a que restringe a participação social no planejamento escolar, e

ao ser aplicada nas escolas públicas, limita a autonomia das unidades escolares. Segundo Cury:

A função social da educação assume a igualdade como pressuposto fundamental do direito à educação, sobretudo nas sociedades politicamente democráticas e socialmente desejosas de maior igualdade entre as classes sociais e entre os indivíduos que as compõem e as expressam. (CURY, 2008, p.308)

Desta forma, presume-se que a escola é um local de reprodução das desigualdades sociais, tendo assim o seu modelo pedagógico moldado conforme interesses que tentam, por vários motivos, causar o desmonte, em vez de reformular o sistema de educação pública existente no Brasil hoje.

A seguir será abordado como as relações de trabalho e sociedade se desenharam ao longo da história, de forma a ser de suma importância para o sistema aqui tratado.

2.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO E A SOCIEDADE

Não é possível falar em “trabalho” sem pensar no significado que ele assume para cada trabalhador, nas mudanças que marcaram sua organização nos últimos anos e quais rumos serão tomados no futuro.

Dessa forma, a concepção de trabalho resulta de um processo histórico, no qual o desenvolvimento e a disseminação aconteceram de forma conjunta à evolução dos modos e relações de rendimentos, da distribuição da sociedade e dos contornos do pensamento. Assim, a criação da concepção do trabalho associa-se a interesses econômicos, ideológicos e políticos (BORGES, 1999).

De forma geral, para Durkheim (2010) nas sociedades o trabalho trazia duas formas de solidariedade entre os indivíduos, definidas por ele como sociedade orgânica, que está relacionada à divisão de funções no processo produtivo, e sociedade mecânica, que está presente em sociedades tribais e tradicionais que são sociedades menos complexa relacionada às crenças, valores e costumes.

A divisão do trabalho produz solidariedade, não apenas porque ela faz de cada indivíduo um “trocador” é porque ela cria entre os homens todo um sistema de direitos e deveres que os ligam uns aos outros de maneira duradoura. (DURKHEIM, 2010, p. 429).

Para algumas sociedades, o trabalho era percebido como uma punição. E este pensamento era tão comum que mesmo depois do sentido do trabalho ser modificado para uma categoria de sentido mais purificador, não se conseguiu modificar no pensamento ocidental a associação entre trabalho e sofrimento (JACQUES, 2002).

Weber (2004) associava o trabalho com a religião, ele afirma que o trabalho teve sucesso por ação da religião, principalmente do protestantismo, pois via o trabalho como um meio de escapar da acumulação descontrolada.

Como vimos, a ascese se volta com força total principalmente contra uma coisa: o gozo descontraído da existência e do qual ela tem oferecer de alegria. (WEBER, 2004, p. 151).

No entanto, Jacques (2002) ressalta que o êxito da Reforma Protestante ficou limitado à apropriação da positividade moral do trabalho e à negação do ócio, pois não conseguiu se desconectar com a tradição da sociedade existente na época, assim, ainda ficando associado à punição e ao sofrimento.

Com o surgimento da industrialização, nasce também o capitalismo que consagra a dialética, o trabalho e o capital. Nesse contexto, para Marx (1998) o materialismo histórico dialético define os eventos econômicos e o modo de produção transformam a sociedade. Ainda para o autor, a história da humanidade é a memória da luta de classes, e essa luta termina sempre com mudanças revolucionária de toda comunidade ou então pela decadência das classes. Marx também acreditava que o as formas de produção e o trabalho nas fábricas criaram duas situações: a alienação e a mais-valia. Na primeira o trabalhador só tem acesso a uma parte do processo de produção, dessa forma, ele tem consciência de apenas uma parte e nunca do todo. Já na segunda situação, o trabalhador produz muito mais do que ganha, existindo uma significativa diferença entre a produção e a remuneração dos mesmos.

Porém, todos os métodos que ajudam à produção do sobrevalor, favorecem igualmente a acumulação, e toda a extensão desta necessita por sua vez daquelas. (MARX, 1998, p. 265).

Atualmente o trabalho apresenta novas configurações, deixando de ser apenas uma atividade para se transformar em uma forma de relação social

caracterizada por acentuada desigualdade. Com a transformação do mundo do trabalho, se percebe os diferentes modos de organização do trabalho existentes, que vão desde o fordismo até o modelo flexível.

O taylorismo e a produção em grande escala de Ford se destacaram na organização do trabalho no século XX. Antunes (2002) elucida que isso ocorreu por meio de atividades segmentadas, e principalmente, da fragmentação entre a concepção e a efetivação de uma tarefa. Esse formato concebeu um novo modelo de trabalho no qual passou a valer a racionalização das tarefas ligada à rotina exaustiva.

Todas as modificações pelas quais a sociedade e o mundo do trabalho têm enfrentado levaram aos estudos das ciências humanas e sociais, que puderam observar as dificuldades que os trabalhadores passaram, e assim consecutivamente atingindo sua saúde.

O trabalho nas sociedades modernas tem sido objeto de vários estudos, entre eles, os realizados por Dejours (2004) a respeito do trabalho em si e da organização deste em relação a saúde do trabalhador. Com relação às vertentes teóricas da ergonomia, da psicodinâmica e da antropologia do trabalho, ele concluiu que

[...] o trabalho é a atividade coordenada de homens e mulheres para defrontar-se com o que não poderia ser realizado pela simples execução prescrita de uma tarefa de caráter utilitário, com as recomendações estabelecidas pela organização do trabalho. (DEJOURS, 2004, p.135)

No modelo fordista, o debate era sobre o adoecimento físico e psíquico resultante da rotina. Atualmente, a relação entre a saúde do trabalhador e o trabalho exercido está ligada ao processo de flexibilização das relações nas organização de trabalho, onde se observa o aumento da jornada, maior responsabilidade, cobrança de desempenho, precarização do ambiente e dos meios, bem como a invasão do trabalho na esfera pessoal.

No entanto, no sistema gerencialista se vive a subjetividade, que é motivada pelos objetivos, resultados e critérios para o sucesso que tendem a excluir tudo aquilo que não é útil ou rentável. O valor econômico tende a sobressair qualquer outra consideração, com isso, o sentido que se dá para o ato de trabalhar passa a ser considerado em função daquilo que ele fornece em uma lógica comercial (GAULEJAC, 2007).

No próximo tópico será aprofundada a análise sobre as relações de trabalho a partir dos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho.

2.3 A PSICODINÂMICA DO TRABALHO

A Psicodinâmica do Trabalho é um ramo da abordagem francesa da Psicopatologia do Trabalho. Esta vertente foi criada por Lê Guillant (1900 -1968), tendo como principal expoente Cristhophe Dejours (1949-até hoje). Dejours tinha como finalidade compreender o sofrimento psíquico no trabalho e toda sua investida era designada no sentido de estabelecer relações entre as determinações e coerções organizacionais e a desestabilização psicológica dos indivíduos (DEJOURS, 1992; 2004).

Esta abordagem tem conceitos psicanalíticos, sociológicos e filosóficos, com especial referência nos estudos de Jürgen Habermas (1929-até hoje) sobre a importância da ação comunicativa para a emancipação humana.

Assim, se percebe que, para Dejours, o que importa é desvendar os diferentes desdobramentos existentes no sofrimento, inclusive aqueles que culminam em doença mental e/ou somática. Ou seja, os caminhos que o trabalhador pode percorrer, do prazer absoluto ao empobrecido sofrimento.

Desta maneira, compreender como “a maioria dos homens e das mulheres consegue driblar a doença mental, apesar das pressões organizacionais” passa a ser, segundo Mendes (2007a, p.29), a meta máxima da Psicodinâmica do Trabalho.

Dejours esperava que em algum momento as pessoas iriam se descompensar psiquicamente e adoecerem. Porém, percebeu que isso não ocorria com a frequência esperada, deixando-o um tanto intrigado. Ao aprofundar as pesquisas, percebeu um outro lado do adoecimento, o estado de “normalidade”. Então, o foco passou a ser a “normalidade” conseguida pelos trabalhadores num contexto de trabalho aparentemente adoecedor. Dada a inversão do objeto de pesquisa, Dejours passou a chamar de Psicodinâmica do Trabalho o seu novo campo de pesquisa e as teorias por ele formuladas. Assim, o principal objetivo de Dejours, com Psicodinâmica do Trabalho, “passa a ser a compreensão das

estratégias às quais o trabalhador recorre para manter-se saudável, apesar de certos modos de organização do trabalho patologizantes” (DEJOURS, 2004, p.172).

A psicopatologia tradicional baseada, como dissemos, no modelo da fisiopatologia das doenças do corpo é dedicada, antes de mais nada, ao estudo das doenças mentais e da loucura. Ora, o campo de investigação que se trata de explorar aqui diz respeito a sujeitos que apesar das pressões que devem enfrentar, conseguem evitar a doença e a loucura. Trata-se, portanto, de estudar um campo psicopatológico não ocupado pela loucura: aquele da normalidade. Por certo que a normalidade dos comportamentos não implica a ausência de sofrimento. E o sofrimento, além disso, não exclui o prazer. (DEJOURS; ABDOUCHELI, JAYET, 1994, p.47)

A partir da análise das práticas realizadas no contexto do trabalho, a Psicodinâmica do Trabalho conseguiu determinar que o sofrimento existente entre a relação do trabalhador e a organização do trabalho são travadas por diferentes agentes que colocam frente a frente o desejo da produção e do trabalhador. Dejours (1988) conceitualiza sofrimento:

O sofrimento designa, então, em uma primeira abordagem, o campo que separa a doença da saúde. [...] Entre o indivíduo e a organização prescrita para a realização do trabalho, existe, às vezes, um espaço de liberdade que autoriza uma negociação, [...] logo que esta negociação é conduzida a seu último limite, que a relação indivíduo-organização do trabalho fica bloqueada, começa o domínio do sofrimento e a luta contra o sofrimento. (DEJOURS 1988, P. 47)

Assim para Dejours existe um limite entre o sofrimento e a negociação em relação à organização. O sofrimento tem relação com a doença, desta forma os sinais físicos representam as demandas emocionais dos indivíduos.

O sofrimento pode estar relacionado a divisão do trabalho e à padronização das tarefas; a rigidez hierárquica e o excesso de burocracia; a falta de participação dos indivíduos nas tomadas de decisão; a falta de reconhecimento; e a pouca probabilidade de crescimento profissional.

Já sobre as questões que envolvem o prazer, Mendes (1999) após um longo estudo, definiu que ele provem de dois fatores, valorização e reconhecimento. Assim para o autor, a valorização é o que faz o trabalho ter sentido e o reconhecimento é o que gera o sentimento de aceitação e admiração quanto a sua função.

Desta forma, o prazer e o sofrimento no trabalho têm relação com isso, uma vez que os mesmos fatores que podem acarretar sofrimento nos profissionais, geram prazer também. Isso acontece por meio do viés interpretativo da subjetivação,

que é definida por Mendes (2007a, p.30) como sendo “o processo de atribuição de sentido, construído com base na relação do trabalhador com sua realidade de trabalho, expresso em modos de pensar, sentir e agir individuais ou coletivos”.

A organização do trabalho é o ponto principal para o entendimento do sofrimento e prazer do trabalhador, pois é nela que se determina a relação social e de reconhecimento entre os envolvidos. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994, p. 42) afirmam que “é a organização do trabalho que determina as relações entre desejo e motivação”.

Apesar disso, a organização do trabalho não é o todo da experiência do sujeito no trabalho.

Entre o homem e a organização prescrita para a realização do trabalho, existe, às vezes, um espaço de liberdade que autoriza uma negociação, invenções e ações de modulação do modo operatório, isto é, uma invenção do operador sobre a própria organização do trabalho, para adaptá-la às suas necessidades, e mesmo para torná-la mais congruente com seu desejo. Logo que essa negociação é conduzida a seu último limite, e que a relação homem-organização do trabalho fica bloqueada, começa o domínio do sofrimento e da luta contra o sofrimento. (SELIGMANN-SILVA, 1994, p.15)

Com a inclusão das pessoas no âmbito do trabalho, desenvolvem-se também as formas de vínculos nas relações sociais, que induzem o como se percebe e concebe os elos entre saúde, doença e trabalho.

Nem sempre, porém, o conceito de prazer e sofrimento reveste-se de um sentido negativo:

Às vezes, em sua luta contra o sofrimento, o sujeito chega a elaborar soluções originais que, como mostraremos, são em geral favoráveis simultaneamente à produção e à saúde: caracterizaremos então esse sofrimento, denominando-o sofrimento criativo. Ao contrário, nessa luta contra o sofrimento, o sujeito pode chegar a formulações desfavoráveis à produção e desfavoráveis também à sua saúde. O sofrimento será então caracterizado como sofrimento patogênico. (DEJOURS, 1992, p.150)

Existem pessoas que, mesmo aflitas com o trabalho, conseguem sentir prazer no que fazem. Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), dizem que existe um "paradoxo psíquico do trabalho": Para uns, isso é fonte de equilíbrio e para outros, causa do sofrimento, isso vai depender da estratégia de defesa utilizada.

Para os autores, as estratégias de defesa criadas pelos sujeitos podem ser individuais ou coletivas, as individuais trazem ao trabalhador a adaptabilidade

necessária para aguentar o sofrimento, mas não o transformando; e as coletivas ajudam ao sujeito, de forma conjunta, se mobilizarem para lutarem juntos contra as dificuldades vivenciadas.

A diferença fundamental entre um mecanismo de defesa individual e uma estratégia coletiva de defesa é que o mecanismo de defesa está interiorizado (no sentido psicanalítico do termo), ou seja, ele persiste mesmo sem a presença física de outros, enquanto a estratégia coletiva de defesa não se sustenta a não ser por um consenso, dependendo assim de condições externas (DEJOURS, ABDOUCHELI & JAYET, 1994, p. 178).

Para Dejours (1992) existem duas formas de o sujeito vivenciar o sofrimento, de forma criativa ou patológica. Para o autor sofrimento criativo é quando o trabalhador cria estratégias originais para enfrentar as adversidades do ambiente de trabalho; o sofrimento patogênico surge quando a negociação entre organização e trabalhador chega ao seu limite, assim não havendo mais possibilidade de entendimento.

A psicodinâmica do trabalho mostra maneiras de transformar o sofrimento patológico em criativo, entre essas se destacam três, segundo Dejours (2004): (1) seria a partir do reconhecimento, que para Psicodinâmica do Trabalho pode ser baseado no julgamento de utilidade ou de estética; (2) é a das estratégias de defesa, que são elaboradas através das vivências do sujeito, essas estratégias diante do sofrimento no trabalho, são importantes para que os trabalhadores possam se manter saudáveis e equilibrados; (3) se refere aos espaços de discussão coletivos, que são locais público onde a escuta e a fala referente ao sofrimento, são formados por trabalhadores e possibilitam aos mesmos o total sigilo entre seus participantes. Essas formas de transformação do sofrimento gera resignificação para o trabalhador, o que para Mendes (2007) são um dos meios mais benéficos para o confronto das hostilidades derivadas da parte organizacional.

As clínicas do trabalho, dentro da Psicodinâmica do trabalho, é um método de ação sobre o trabalho, que visa a resignificação do sofrimento, pois é um espaço de escuta e fala. Segundo Mendes (2007a) as clínicas do trabalho são:

[...] originado na realidade concreta da organização do trabalho, que permite aos trabalhadores reconstruir a capacidade de pensar e desenvolver estratégias de ação individuais e coletivas para confrontar as situações provocadoras de sofrimento, buscar o prazer, e conseqüentemente a saúde (Mendes, 2007a, p. 32).

Para Dejours (1999) o sofrimento no trabalho é um mecanismo que move um sistema e o trabalho é algo que vem para garantir esse sistema. Com uma imposição de aceleração do ritmo de trabalho ainda maior, no intuito de ocupar todo o campo da consciência com uma sobrecarga perceptiva, o trabalhador se vê obrigado a manter esse ritmo mesmo fora da organização:

Esses trabalhadores são frequentemente levados a recorrer a substitutos do ritmo de trabalho fora da empresa, para manter a repressão fora do trabalho. Eles se impõem outros ritmos, nos transportes urbanos, nas atividades domésticas ou recorrendo, se necessário, a uma segunda tarefa nas horas suplementares. Com efeito, revela-se menos custoso para certos trabalhadores manter a repressão psíquica sem ruptura do que ter de reconstituí-la no dia seguinte, depois do fim de semana ou dos feriados. (DEJOURS, 1992, p.162)

Isto posto, pode-se ver a psicodinâmica do trabalho como uma abordagem que relaciona o prazer e sofrimento provocado pelo trabalho realizado, procurando, em contrapartida, a busca pela saúde mental do trabalhador, entendida como a integridade física, psíquica e social dos profissionais. Para isso, a psicodinâmica e a saúde do trabalhador não estão relacionadas à ausência do sofrimento, mas em sua habilidade de transformar a realidade (FREITAS; FACAS, 2013).

2.4 O PRAZER E SOFRIMENTO NO TRABALHO DO PROFESSOR PÚBLICO

O trabalho na área pública apresenta diversos aspectos similares, independente do segmento, quanto à função do servidor público. Entre os componentes comuns que fazem parte desses aspectos Chanlat (2002) aponta: a excessiva carga de trabalho, que muitas vezes é decorrente da redução e/ou falta de pessoal; os novos modelos de desempenho e produtividade, que leva o agente público ao limite de suas capacidades produtivas; e a falta de reconhecimento. Sobre a questão do reconhecimento no setor público, cabe mencionar que os servidores sofrem com a visão negativa da sua figura, os mesmos são percebidos como ineficientes, preguiçosos e até descartáveis em algumas ocupações.

Nesse sentido, Bazzo (1997) mostra os aspectos do trabalho na área pública que trazem sofrimento ao servidor público na realização das suas atividades laborais:

[...] A alta rotatividade dos chefes (sempre nomeados de maneira política e nepotista); a falta de nexos entre a capacitação dos funcionários e o trabalho que realmente desenvolvem; a falta de critérios para nomear ou exonerar pessoas; a assimetria brutal entre uns funcionários e outros; a falta de um plano de cargos e salários que equalize os rendimentos; a luta por um poder imaginário que é inconscientemente fomentada entre os funcionários; o fato dos setores de Recursos Humanos terem como função máxima apenas a execução da folha de pagamento, isso tudo, somado à prática de corrupção frequentemente presente nos assuntos administrativos que envolvem dinheiro [...]. (BAZZO, 1997, p. 42).

Partindo desses aspectos já presentes na carreira pública, temos a carreira docente, que ainda é respeitada por sua elevada distinção social, visto que a sua atuação está diretamente relacionada à construção do conhecimento crítico e intelectual de toda uma sociedade. Segundo Pimenta e Anastasiou (2005), ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar situações ambíguas e conflituosas no ambiente de trabalho.

O espaço da sala de aula e as próprias aulas podem ser experiências que vão mostrar novos modelos de distinção entre o modo que professor gostaria que fosse e a realidade vivida. As dificuldades enfrentadas pelos alunos podem mexer com a subjetividade do professor, no sentido de levá-lo a duvidar de sua competência.

Há um paralelo na dinâmica do prazer e sofrimento do trabalho docente, no contexto histórico do desenvolvimento da profissão, e desta forma, relaciona-se diretamente com a valorização social da profissão.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994, p.128) definem prazer e sofrimento como “vivências subjetivas, que implicam um ser de carne e um corpo onde o homem se exprime e se experimenta da mesma forma que a angústia, o desejo, o amor”. A subjetividade é construída por meio da história particular de cada sujeito e manifesta-se de acordo com as particularidades de cada um. Para esses autores, tanto o prazer como o sofrimento resultam da organização do trabalho, pois é o próprio Dejours (2004, p.304) quem ressalta “toda organização é desestabilizadora da saúde. O que sobra para o prazer no trabalho e a realização de si mesmo são classificados como possíveis ganhos com relação ao sofrimento, componente básico da relação de trabalho”.

Segundo Oliveira e Freitas (2008), a carreira docente surgiu no contexto histórico da Igreja e foi passada para o Estado a partir da criação da República. Por isso, a imagem do professor, ao longo da história, esteve muito ligada ao

sacerdócio, devendo a magistratura ser realizada com simplicidade, calma e servidão, pois, se constituía em uma atividade realizada por sujeitos remunerados e controlados pelo Estado.

Entre as causas do sofrimento do professor público se pode destacar: dificuldades com os alunos; aumento da carga horária; descrença no ensino; salários baixos e/ou parcelado; entre outros fatores.

Segundo Dejours (1999) pode ser relacionado ao sofrimento patogênico e criativo, sendo o primeiro um meio para a realização do trabalho de forma estimuladora, e o segundo, por sua vez, surge diante do esgotamento de todos os recursos defensivos, trazendo um sentimento de incapacidade.

Como forma de enfrentar o sofrimento, os professores tendem a desenvolver estratégias particulares de defesa, como exemplo: excessiva submissão; resistência a todo tipo de mudança; psicossomatização; e a perda da compreensão e consciência problemas vivenciados na rotina da escola (OLIVEIRA, 2006).

No entanto, apesar de todo o sofrimento, ainda se percebe, advindo do trabalho docente, um grande prazer, algo que para muitos professores se justifica a partir das pequenas vitórias do cotidiano, o que pode ser considerado contraditório.

Essa contrariedade segundo Dejours (2007) é um meio de luta contra o sofrimento, o sujeito cria meios que muitas vezes são favoráveis à produção e a saúde. Desta forma, Mancebo (2007) ressalta a importância de o professor assumir esse paradoxo:

O trabalho docente constitui-se num lugar contraditório que suscita, a um só tempo, sobre trabalho e prazer; assujeitamento e captura acríica dos envolvidos para as novas demandas, mas também espaço para invenções, pensamento e crítica” (MANCEBO, 2007, p. 79).

Tal sofrimento é utilizado para enfrentar os problemas e os imprevistos, podendo ser denominado como sofrimento criativo. Conforme Dejours (1992), a realização com a profissão tende a reduzir o sofrimento, assim, compreender e gerenciar o mesmo, a partir da utilização de estratégias, tende a gerar um prazer de forma a ressignificar o sentido do seu trabalho.

Freitas (2007) escreve alguns pontos de alegrias do trabalho para os professores como a liberdade de expressão; busca e contato com outros meios de ideias, e aprendizagem; contato com os pares; o reconhecimento oportunizado pelas

aulas; independência; e liberdade no controle do tempo e do conteúdo do trabalho docente.

Referente à importância do reconhecimento pelos pares, Dejours (1999) traz que processo intersubjetivo do reconhecimento no trabalho cabe ao apreço demonstrado no trabalhador por seus colegas:

[...] o reconhecimento esperado pelo trabalhador, é em primeiro lugar, o dos colegas, que são os mais indicados para apreciar a natureza e a boa qualidade dessa contribuição. O reconhecimento também deve relacionar-se a alguma utilidade econômica, social. (DEJOURS, 1999, p.30)

No que se refere à profissão de professor existe uma ampliação da necessidade de ser reconhecido, pois os mesmos estão sujeitos a uma variedade de avaliações, tais como as realizadas por alunos e seus familiares, os pares e a sociedade em geral. Dado isso, é comum encontrar professores, após alguns anos de trabalho, muito frustrados com pouco reconhecimento social de seus esforços.

A colisão com essa realidade geralmente acarreta o aumento do sofrimento, que dependendo da constituição psíquica do professor, desencadeia o adoecimento físico e psíquico (DEJOURS, 1992; 2004).

Conforme Freire (2003, p. 47), “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Portanto, em síntese, apesar do prazer e sofrimento estarem presentes na vida dos indivíduos, nem todos os professores conseguirão subjetivar os seus trabalhos. O sofrimento aparece quando a organização do trabalho entra em conflito com o funcionamento mental, ou seja, quando se esgotam todas as possibilidades de adaptação do desejo do sujeito com a estruturação da sua ocupação, contribuindo para a falta de realização profissional (DEJOURS; ABDOUCHELI; JAYET, 1994).

3. METODOLOGIA

Um dos principais pontos no processo de pesquisa é o que representa a escolha do método e da técnica a ser utilizado, ou seja, o caminho que orientará a trajetória da pesquisa. O método científico nada mais é que a observação consolidada dos fenômenos através de uma série de passos norteados por fundamentos teóricos. Sua particularidade fundamental é a análise organizada, o rigor nos pareceres e a utilização dos fundamentos teóricos. (GOLDENBERG, 2004)

Assim sendo, para atender aos objetivos deste trabalho se optou pela realização de uma pesquisa qualitativa, que Neves (1996, p. 1) define como “[...] um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social [...].”

A pesquisa qualitativa tem por característica entender os conceitos e aspectos do dilema ou objeto investigado, permitindo o aprofundamento dos mesmos. Para Paulilo (1999), a pesquisa qualitativa

Trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e adequa-se a aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. A abordagem qualitativa é empregada, portanto, para a compreensão de fenômenos caracterizados por um alto grau de complexidade interna (PAULILO, 1999, p. 135).

Desta forma, esse trabalho foi elaborado utilizando todo o potencial da pesquisa qualitativa, e mais especificamente utilizando a abordagem de histórias de vidas, analisando o prazer e o sofrimento presentes na fala de uma professora pública estadual estudada.

Histórias de Vida é uma metodologia que vem para complementar o sentido da pesquisa qualitativa, já que a mesma se utiliza da narrativa das vivências do sujeito para levá-lo a um processo de transformação e autoconhecimento.

A história de vida apresenta um grande potencial para a investigação social, uma vez que permite compreender a dimensão subjetiva dos atores sociais, possibilitando que a história de um indivíduo reflita um momento histórico revelando os valores da sociedade que podem interferir na realidade organizacional. (MAGESTE; LOPES, 2007, p.03)

Essa técnica é um legado deixado pela Escola de Chicago², que durante os anos 20 e 30 se destacou na cena científica americana. Se enquadrando na abordagem qualitativa, o método de histórias de vida se destaca pela forma da coleta dos dados e a importância do trabalho de campo dado para sua realização.

Através da narrativa do relato individual é possível delinear traços da coletividade, cabendo ao pesquisador captar aspectos particulares das narrativas e ser capaz de ultrapassar a esfera do individual transpondo os para a esfera coletiva (QUEIROZ, 1987, p. 6-7).

Importante destacar que a técnica de histórias de vida tem sido revalorizada como técnica de coleta de dados, e com isso, a mesma vem desvendando questões outrora obscuras a partir da investigação da realidade dos sujeitos, das suas ações e relações que se ocultam nas estruturas sociais.

[...]estudo busca compreender o poder que o indivíduo tem de mudar sua vida e a si mesmo e alterar o seu ambiente, funcionando como base para construção de teorias sobre o papel do comportamento do indivíduo na mudança cultural e na transmissão da cultura. A história de vida apreende a dinâmica, as características e os parâmetros da cultura individual. (MAGESTE; LOPES, 2007, p.03).

No que tange o método de História de Vida, cabe ressaltar que na questão da identidade e autoconhecimento, fundamentais para o desenvolvimento e construção do sujeito sócio-histórico, há uma relação entre a identidade, os elementos familiares e a classe social que o indivíduo pertence, conforme Gaulejac:

O indivíduo é produzido pela história: sua identidade é construída, de um lado, a partir dos acontecimentos pessoais por ele vividos e que formam a trama de sua biografia, de sua história singular e única e, de outro, a partir dos elementos comuns à sua família, ao seu meio, à sua classe de pertencimento que o posicionamento como um ser sócio-histórico. (GAULEJAC, 2016, p. 24).

Com a professora pública foram realizados quatro encontros, não estruturados, nos quais a mesma era convidada a relatar a sua vida, tendo como base, a temática de pesquisa deste estudo.

O material coletado nos encontros foi analisado da seguinte forma: a história foi gravada, com o consentimento da professora, e posteriormente transcrita de

² O termo Escola de Chicago foi utilizado pela primeira vez em 1930 por Luther Bernard, para designar um conjunto de pesquisas realizadas a partir da perspectiva interacionista na cidade de Chicago. As pesquisas são marcadas por orientação multidisciplinar envolvendo os campos da sociologia, psicologia, ciência Política, Antropologia e filosofia (GOLDENBERG, 2004, p. 25).

forma a conseguir analisar os dados coletados. Organizou-se a história de vida da professora em quatro categorias de análise, escolhidas a posteriori, pois deste modo se pode construir uma narrativa mais concisa que possibilitou relacionar o estudo empírico com os referencias teóricos.

4. A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA PROFESSORA PÚBLICA – O CASO DE CONCEIÇÃO

Nesta seção se apresenta a história de vida de Conceição, uma pessoa real que aceitou compartilhar a sua história. A pesquisadora conheceu Conceição, durante o ano de 2018, por intermédio de uma colega de trabalho, que sempre comentava a situação que a mesma passava como professora pública. Conceição pode ser considerada um símbolo de uma classe que clama por respeito e condições aceitáveis de trabalho no Brasil.

Solicitada sobre como gostaria de ser chamada neste trabalho, a professora decidiu pelo nome Conceição, esse nome foi escolhido com a intenção de homenagear a escritora Conceição Evaristo, que também é professora e luta pela educação, pelos quilombolas e pelas periferias, por meio de suas poesias. Assim, Conceição aceitou relatar a sua história para esse trabalho.

Servidora pública, professora do ensino fundamental e médio, mãe de uma adolescente de 18 anos, Conceição é natural de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, onde nasceu e se criou em uma das muitas periferias da cidade. Divorciada, é formada em letras pela UFRGS, com pós-graduação na área da educação, atua há 20 anos no magistério, no ensino fundamental dando aulas de língua portuguesa e no ensino médio lecionando português e literatura, tendo, assim como muitos professores, uma jornada dupla de trabalho.

A partir desta perspectiva que o diálogo entre a trajetória pessoal e profissional encontrou nas narrativas um espaço importante para a compreensão dos aspectos que norteiam a carreira da professora no ensino público.

Abaixo serão apresentados alguns fatos marcantes da história de Conceição, divididos em três principais categorias: história familiar, história de trabalho e reflexões sobre a carreira docente.

4.1. HISTÓRIA FAMILIAR: DA PERIFERIA PARA A UNIVERSIDADE

Filha mais velha de quatro irmãos, Conceição viveu a separação dos pais aos 10 anos, quando passou a ser criada somente pela mãe e a avó. Seus pais não completaram o ensino fundamental, sua mãe, enquanto casada, era dona de casa,

após a separação, precisou prover o sustento da família sozinha. Desta forma, ela trabalhou como diarista por muito tempo e hoje faz e vende bolos e doces. Já seu pai fez concurso público muito jovem e foi policial militar durante toda a vida, e hoje se encontra aposentado da profissão.

Conceição, por ser a mais velha das irmãs, sempre precisou conciliar os estudos com a função de apoio no cuidado dos irmãos mais novos, e por esse motivo, precisou estudar seu ensino fundamental em escolas públicas, que ficavam localizadas na periferia onde morava, em Porto Alegre.

Apesar de todos os percalços, a mesma sempre gostou muito de estudar, e isso se deu, segundo ela, pelo fato da sua mãe, que precisou interromper os estudos ainda jovem, dar muita importância para os estudos de modo a incentivar e lhe mostrar, desde cedo, que a única maneira de ter uma vida melhor seria através da educação. Mas além da mãe, Conceição fala da força das mulheres de sua família:

Elas eram, apesar da baixa escolaridade, mulheres muito inteligentes, mulheres bem informadas, liam, sabiam de tudo, discutiam de política e entre outros assuntos, minha mãe, por exemplo, era referência no bairro quando se tratava de cuidados médicos, ajudava os outros a entender a bula e as receitas dos medicamentos, que recebiam dos médicos. Então nós, eu meus irmãos e primos, fomos criados em ambientes assim, cheio de mulheres referência e assim apesar do local precário que moramos, onde tínhamos muita privação, elas eram o nosso incentivo e inspiração, para vermos o mundo, conhecer coisas diferentes da nossa realidade e isso influenciou muito a questão do estudo, de ver que a partir dali poderíamos mudar nossos destinos e assim superar, no todas as dificuldades que precisei passar para me tornar professora.

Depois de todos os filhos formados, Conceição conta que com o apoio e incentivo dos mesmos, sua mãe retomou os estudos e se formou no ensino básico, algo sempre sonhado. Nesse momento da conversa a professora acaba por mencionar o pai, que foi uma pessoa muito ausente em sua vida, o que, para ela, era normal dentro da sociedade onde vivia.

Meu pai foi ausente na minha vida, acredito que isso seja normal na sociedade em que vivemos, machista, misógina e tudo mais, assim acredito que ele seja o fruto dessa sociedade, no início o provedor, e por conta disso achava e não queria se envolver nos assuntos que considerava não ser do seu interesse, e tudo que envolvia a escola era um desses questões, ele sempre cuidava para que eu e meus irmãos tivéssemos o mínimo para a nossa subsistência, mas era só isso, essa era a visão dele. Mas quando nós olhávamos para os outros exemplos de pai que tínhamos no meio onde vivíamos, pais que bebiam, batiam nas esposas entre outras coisas, o nosso pai era maravilhoso, podia não dar carinho, mas nos maltratava. Então ele era esse tipo de pai, o típico pai ausente.

Conceição explica que sempre lidou bem com esse afastamento, pois a mãe e a avó foram muito presentes, sendo referências em sua vida, e essa laço só aumentou após a separação dos pais, pois precisou ajuda-las nesse período e isso fez que elas tivessem que compartilhar os desafios que surgiram nesse momento de suas vidas. Desta forma, a entrevistada se dedicava muito aos estudos, pois, segundo ela, era a forma de sair daquela situação sofrida, sem perspectivas de crescimento.

A professora fala que desde sempre foi muito claro que iria fazer uma faculdade, se tornando a primeira mulher da família a entrar na faculdade e também a se formar, conquista que, até então, era algo impossível para todos.

Vindo de uma realidade muito difícil, Conceição precisou ser uma fortaleza e se tornou um marco/referência para todos de sua família, mostrando que ingressar no ensino superior e público era possível.

Conceição conta que precisou começar a trabalhar muito jovem, com 14 anos de idade, e quando ingressou no mercado de trabalho, como recepcionista, encarou uma realidade muito diferente do que imaginava. Diante disso, a professora explica que hoje consegue entender o incômodo que sentiu na época, além da sua pouca idade e da falta de preparação, a sua experiência ao confrontar a exploração do trabalho foi impactante.

Como comecei a trabalhar muito cedo, aos 14 anos, não tinha nenhuma especialização, me vi ser engolida pelo mercado e assim ver a exploração do trabalho. Claro que na época não tinha essa noção, mas você vai para outra empresa e percebe que não muda muito, ou vai ser explorada na empresa A ou na B. E foi nesse momento que eu percebi que precisava ter uma profissão, que não bastava ter um trabalho era preciso ter uma profissão, se não a gente se torna descartável dentro desse mundo.

Com o fim do ensino básico, Conceição diz ter passado por um momento em que esteve muito perdida quanto às suas escolhas para onde seguir a partir daquele momento, situação que ela vê como comum a todo adolescente, e assim ficou um tempo sem estudar. Depois disso, a mesma diz ter decidido focar na ideia de entrar na faculdade, mais especificamente na UFRGS, e no início, mesmo sem saber qual curso cursar, esse foi seu objetivo. Durante esse processo Conceição se identificou com o curso de letras, pois seu desejo inicial era focar no inglês, já que acreditava que isso poderia abrir portas para outras oportunidades para além do trabalho docente, como a área de tradução, entre outras.

Porém, após entrar no curso de letras a mesma não se adaptou ao inglês e foi nesse momento que tudo mudou na sua vida, pois, segundo Conceição, quando conheceu a literatura a paixão foi instantânea, ela viu um sentido na sua vida e percebeu que era isso que queria fazer, estudar literatura. Depois disso, a docência passou a ser natural na sua vida.

Depois que descobri que era literatura, e percebi que queria me especializar, que era com aquilo que queria trabalhar, a área da docência, apesar de não pensar nisso no início da faculdade, foi algo automático, natural para mim.

Conceição diz que pensando mais a fundo, hoje consegue refletir sobre o porquê do magistério na sua vida.

Por sempre ter vivido na periferia, eu acredito que essas profissões como professor, policial e médico sempre estivemos mais próximos de alguma forma da nossa realidade, pois nos transmitia a luta pela sobrevivência, a luta do trabalho e acredito que isso teve uma certa influência na minha escolha. (Conceição)

Durante a faculdade, a Professora diz ter aprendido muito sobre a importância da docência e como a valorização da área é importante para o desenvolvimento da sociedade, pois o professor é o pilar fundamental para a construção do pensamento crítico.

4.2. TRABALHO E LUTA: DA SALA DE AULA PARA A RUA

Professora pública desde o ano 2000, Conceição iniciou sua carreira docente dando aula para alunos do ensino fundamental no bairro Restinga Velha, onde permaneceu por quatro anos. Logo após essa experiência, foi transferida para dar aula para o ensino fundamental e médio no litoral, mais especificamente, na cidade de Cidreira. Durante esse período como “professora novata”, Conceição fala que sentia muito medo e insegurança em sala de aula, pois segundo ela “sentia a responsabilidade pelo repasse de conhecimento pesar sobre meus ombros” (Conceição).

Com o passar do tempo a professora foi se sentindo confortável com a nova função, e com a realização de projetos educacionais e a socialização com os

colegas passou a se sentir mais segura em sala de aula, a ter grandes expectativas quanto ao resultado do seu trabalho, e isso se integrou a sua vida profissional.

Diante do surgimento das expectativas, surgiram também as frustrações decorrentes. Sobre isso, Conceição fala que aprendeu a trabalhar com o sentimento da frustração, inerente à profissão docente, pois as respostas dentro da sala de aula podem ser positivas, negativas e também podem ser nulas, o que, na sua opinião, é pior, pois significa que os alunos estão indiferentes àquilo que se está realizando.

Outra questão, que segundo Conceição lhe acompanha desde o início da sua carreira é a estrutura da escola pública.

O difícil mesmo é trabalhar na estrutura da escola pública, o modo como a escola é dividida em turmas, 35 alunos em uma turma, a parte pedagógica que fica sempre em segundo plano, porque o primeiro é sempre a estruturação administrativa, ou seja, como é que se irá administrar aquela precariedade e com isso começa o famoso jeitinho, que prejudica muito o trabalho pedagógico, e o resultado com os alunos.” (Conceição)

A professora diz se questionar sempre quanto à qualidade na escola pública, mas que é uma questão muito difícil de avaliar, pois o trabalho do professor público, principal agente da escola, por mais que produza e dê o seu melhor para aquilo que faz, o resultado nunca é alcançado e isso é desanimador, segundo a mesma “cansa, desgasta”.

Conceição acredita que em todas as escolas que já deu aula, nesses 20 anos de magistério, os problemas são os mesmos: “Todas as escolas são iguais, seja no interior ou na cidade, todas têm os mesmos problemas o que muda é a forma que cada uma lida com eles” (Conceição). A professora pensa que esse modelo de escola que existe hoje está totalmente desconectado da realidade, que é um modelo obsoleto, pois há uma diversidade tão rica dentro das escolas que essa uniformidade do ensino não dá mais conta.

Com esse modelo obsoleto, nós professores atingimos uns alunos dentro dos 35, mas com a maioria o trabalho é jogado fora, pois esse modelo não possibilita atingir de forma igual a todos. Nós atingimos o aluno que tá bem alimentado, que tem um acompanhamento em casa, que se precisa de um acompanhamento médico consegue, esse aluno nós conseguimos atingir, porque ele consegue te acompanhar, os outros não.

A professora relata que criou um método de ensino que ela chama de “criativo e dinâmico”, que segundo ela, deixa o aluno mais próximo da matéria, já que é ele que escolhe a forma de apresentar e aprender o tema. Conceição acredita que todos

os professores, por estarem inseridos em um modelo pedagógico obsoleto, acabam por criar mecanismos para tentar chamar atenção dos alunos e com isso tentar alcançar mais crianças e adolescentes, de forma a mantê-los sempre presentes e interessados.

Outro desafio apontado pela professora é a falta de estrutura educacional estável na educação pública, pois o professor fica à mercê das mudanças de governo. Segundo Conceição “dependendo do governo no poder tudo pode mudar. Entra um governo faz uma coisa, entra outro faz outra e isso acaba refletindo de uma forma precária no nosso trabalho”.

Uma das muitas dificuldades existentes também na escola pública e que reflete direto no trabalho dos docentes, é a relação do professor com a família e o aluno. A Professora menciona que nesse trato há muita carência, uma falta de amparo do sistema educacional, tanto no âmbito emocional como material.

Somos todos professores, não temos preparação para lidar com situações onde deveria ter o acompanhamento de um psicólogo ou psiquiatra. Tem muitos alunos que precisam desse acompanhamento mais específico e não temos como atender a peculiaridade de cada aluno, assim atendemos no geral e isso não é o ideal. (Conceição)

Conceição contou algumas histórias que lhe marcaram ao longo da sua trajetória como professora. Porém, a considerada mais dolorosa foi a de uma adolescente que cursava o primeiro ano do ensino médio e em um momento de rompante tentou se suicidar no banheiro da escola. Conceição e outro professor tentaram impedir o ato enquanto a aluna se auto mutilava. Necessitaram, inclusive, prende-la à força até a chegada do SAMU. A adolescente não tinha família, residia com o namorado menor de idade e estudante da mesma escola, e a SAMU não queria levar a jovem sem autorização de um familiar. Neste cenário, a professora precisou acionar a Brigada Militar para representar legalmente a adolescente, acompanhando sua ida ao hospital para garantir que recebesse os cuidados médicos necessários. A aluna saiu amarrada na maca até o hospital, e esse foi o primeiro de quatro casos muito semelhantes que aconteceram durante o ano letivo de 2018 na escola onde Conceição trabalhava.

Com o relato deste caso, Conceição se questiona “Como é que se lida com isso? Como é que eu, professora, lido com isso? Já me acostumei a chegar na

escola e me perguntar qual vai ser o caso de hoje! Não tem um dia que não tenha algum caso parecido com esse, é um furacão.”

E é nesse momento que Conceição fala que o meio que ela encontrou para lidar com a frustração desse cenário tão difícil é a militância, como instrumento para transformar essa realidade, “não podemos desistir, se não for para mudar essa situação o mínimo que podemos é lutar para minimizar”.

O que exigimos como professores é que esse cenário de horror que se vive na educação pública mude, não por nós professores, mas sim pelos alunos, que têm o direito de ter uma educação que atenda a suas necessidades mínimas.

Conceição fala da união da categoria dos professores, que a estimula não desistir da carreira, dos alunos, não se deixando alienar dentro da profissão.

O melhor meio de não se deixar abalar pelos problemas existentes na educação pública é a união da categoria, pois seria muito fácil eu mudar de profissão ou ir dar aula em uma escola particular, resolver esse problema de frustração de forma individual, mas não! Esse não é o caminho! Eu vou resolver os problemas no coletivo, vou tentar resolver o problema na estrutura, de forma a beneficiar todos, a militância não nos deixa desistir, não podemos desistir!

A professora menciona que a militância está na sua vida desde o início da sua carreira como professora. No princípio, de forma mais conservadora, por pouco conhecer o sindicato e as lutas. Posteriormente, durante os seus oito anos morando no litoral, começou ser mais ativa nas lutas, mas ainda era discreta. Tudo mudou para Conceição quando voltou a morar em Porto Alegre em 2012, quando conheceu umas colegas que já participavam ativamente da militância da categoria e lhe introduziram mais profundamente nas lutas. E, como uma coisa levando a outra, sua afinidade foi aumentando de modo a intensificar sua luta pela educação, como meio de transformação. Ainda, Conceição enfatiza a luta do professor pela educação como algo muito necessário, pois o cenário que ela vê se desenhando é o da privatização da educação, da diminuição da escola pública e, por acreditar que os cidadãos brasileiros não podem deixar isso acontecer, afirma ser essa uma luta de todos.

Após todo o relato aqui descrito, se começa a fazer reflexões das dificuldades vivenciadas pela categoria, e Conceição exemplificou bem os problemas vivenciados por ela e alguns professores todos os dias. Desta forma, a seguir se começa

analisar tal ponto com o intuito de contemplar toda essa trajetória de transformação e ressignificação.

4.3. REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA SOBRE A CARREIRA DOCENTE ATUAL

Segundo Conceição, em tempos de incertezas, é bastante difícil traçar um quadro preciso sobre a carreira do professor, pois a educação sofre cada vez mais com a precarização e a falta de recursos, gerando dificuldades no exercício da atividade dos professores. Além disso, ela destaca a influência dos avanços tecnológicos e a popularização da internet na carreira docente. O professor tem a sua formação, atualmente, voltada para tentar suprir essa demanda em suas práticas pedagógicas.

Os jogos interativos, no ensino regular, blogs, canais no youtube, cursos online, cursos EAD, entre outras modalidades de ensino, parecem ter como objetivo uma modernização para atender um novo público docente/consumidor. Enfim, exigências do nosso tempo e do mercado. A profissão de professor, acaba sendo vista como tranquila e livre de contradições, pois basta o profissional apresentar o seu produto de forma atraente para o público que ele quer atingir. Basta um cruzamento de dados que possibilite o encontro entre produto e consumidor, ou seja, um tipo de professor com um tipo de aula que corresponde exatamente às expectativas de um tipo de estudante e pronto, tudo certo, para a “uberização” da educação.(Conceição)

Conceição observa que na rede pública a carreira de professor não é simples. Essa escolha é um projeto de vida pessoal e também profissional, além de significar querer contribuir em um projeto de sociedade mais igualitária, próspera e justa.

A Professora cita os principais obstáculos encontrados pelos professores públicos, obstáculos esses que desafiam e, praticamente, inviabilizam o trabalho dos mesmos.

Enfrentamos obstáculos, que são impostos por políticas de governos sem compromisso algum com a educação dos filhos da classe trabalhadora. Sofremos constantemente com o fechamento de turmas, fechamento de escolas e turmas superlotadas. As escolas não têm a mínima infraestrutura, os prédios estão sucateados, em ruínas e insalubres, falta os materiais básicos para realização das atividades escolares. O capital humano é escasso, não temos professores, monitores, higienizadores, merendeiras, porteiros, seguranças, bibliotecárias, secretárias, supervisoras, psicólogas, psicopedagogas, entre outros profissionais que são fundamentais no

ambiente escolar. Os salários são miseráveis, constantemente congelados, parcelados, atrasados e escalonados há cinco anos. Conseguimos recuperar os 54 dias que ficamos em greve e não recebemos um centavo por isso, tivemos perdas no nosso plano de carreira e de direitos básicos como reposição da inflação e aposentadoria digna. E qual é o resultado de tudo isso? Profissionais graduados e pós-graduados doentes, passando fome e mendigando cestas básicas.

O sentimento que persiste, segundo Conceição, é de uma sensação de sabotagem, pois os governantes fazem isso de propósito para que o professor concursado desista da sua profissão. Quando um professor concursado pede demissão, o Estado se isenta do pagamento de qualquer direito trabalhista para o mesmo. Além disso, os ataques constantes à educação pública geram sucateamentos de materiais e da mão de obra humana. O mal funcionamento da escola, decorrente destes boicotes, faz com que a sociedade desacredite da educação pública, de forma a pôr em questão a sua qualidade.

Por que esse ataque aos profissionais em educação pública? Simples, a desejada privatização das escolas públicas. Sucatear o material e o humano para que a qualidade do ensino público baixe tanto ao ponto da sociedade, enganada e mal informada, clamar pela privatização da educação. Isso significaria clamar equivocadamente pela perda de um direito básico, estruturante e primordial: a escola pública, democrática, gratuita e de qualidade.

Hoje, cada vez mais, segundo a entrevistada “se faz muito com muito pouco”, e as escolas estão se tornando depósitos de crianças e adolescentes, que muitas vezes estão ali por necessidade dos pais ou pela falta deles.

Conceição diz perceber o trabalho do professor sendo levado, muitas vezes, ao extremo com as cargas horárias exaustivas e sem a valorização salarial merecida, e a desvalorização da profissão pela sociedade, que torna a profissão do professor marginalizada.

Hoje não só mais sou professora, sou psicóloga, assistente social, mãe, pai, sou tudo para essas crianças e adolescentes, que por não terem estrutura familiar acabam por descontar em nós as suas frustrações e sofrimentos.

Percebe-se na fala triste, mas esperançosa, de Conceição, a vontade de mostrar e trazer dignidade para os alunos das periferias onde atua. Isso equivale a lutar, de forma desigual na maioria das vezes, contra o tráfico que rodeia a escola e

que rouba não só vidas, mas alunos de sua sala de aula, que tem nome e história, visto que a cada ano escolar fica mais vazia.

Não obstante a todo o exposto, Conceição acredita na educação como meio de transformação do país, e luta arduamente por ela, vendo nos movimentos existentes em prol da educação e dos professores o caminho para a transformação da escola pública. Ela acredita na resistência como arma e luta por um futuro mais humano para as escolas e seus alunos. Conceição, junto com os demais colegas, criaram uma rede de apoio, que vai muito além das lutas, esse grupo serve como um suporte nesse momento tão obscuro na educação.

Precisei negociar a dívida do financiamento do meu apartamento, tenho colegas que foram despejadas de suas casas, o parcelamento dos nossos salários e o não pagamento de muitos dos nossos benefícios nos torna vulneráveis nesse sistema que tenta nos destruir. Tenho colegas que já tentaram suicídio, que se afastaram por depressão ou acabam por dar aula totalmente medicadas, só assim para resistir e aguentar a nossa realidade de trabalho.

Todavia, hoje o que mais incomoda Conceição é a rotulação de “doutrinadores”, que a sociedade vem criando para os professores. Ela desafia os que chamam os professores de “doutrinadores” a ficarem em uma sala de aula por um turno, vivendo a realidade que eles vivem, vendo a realidade que eles veem, para perceber que “doutrinar” um aluno é a última coisa que um professor se preocupa. A rotina em sala de aula sofre com tantos percalços, que se os alunos demonstrarem qualquer interesse na matéria ensinada, para a professora isso já é uma vitória, uma alegria, e uma realização.

Desta maneira, se percebe como a professora conseguiu ressignificar o seu trabalho e transformar o seu sofrimento diário em um prazer duradouro pelo que se faz. Portanto, será possível refletir mais sobre isso, com base no que foi descrito, no tópico a seguir.

4.4. CONCLUSÕES SOBRE A HISTÓRIA DE VIDA DE CONCEIÇÃO

Durante a fala de Conceição percebe-se o quanto, apesar de todas as dificuldades relatadas, a profissão do magistério ainda a motiva. A paixão pela carreira é visível, desde muito cedo pelo que se percebe, apesar de todas as

dificuldades. O prazer que sente em uma sala de aula, com a metodologia de ensino, criada por ela própria, é nítido.

A ação social pela qual a professora vê o seu trabalho inserido, pode ser relacionada à sua criação na periferia de Porto Alegre. A escolha pelo magistério se deu a partir da importância que a educação teve em sua vida e, posteriormente, essa importância foi reiterada pela sua percepção da profissão do professor na sociedade.

Assim, a história de vida da Conceição pode ser relacionada com a teoria da psicodinâmica do trabalho. Dejours (1992) focou seus estudos no campo da normalidade psíquica e as relações de prazer e sofrimento no trabalho. Essa abordagem estuda as relações dinâmicas entre a organização do trabalho e o processo de subjetivação, ou seja, diz respeito à natureza e à divisão da tarefa, ao trabalho prescrito e real às inter-relações humanas de trabalho entre chefias e colegas e como o sujeito pensa, sente e age no trabalho, respectivamente (MENDES, 2007).

Os problemas relatados por Conceição são os experienciados por muitos professores públicos, pois ela é parte de uma categoria profissional que sofre constantemente com os desgastes do trabalho, seja por motivo físico, psíquico ou de estrutura. Como pode-se ver na fala da professora, para se ensinar hoje no Rio Grande do Sul, é preciso lutar todos os dias por qualidade, respeito e dignidade, visto que a sociedade muitas vezes não valoriza o trabalho dos mesmos de forma apropriada.

Com isso, observa-se que Conceição, apesar de tudo, consegue encontrar significado em seu trabalho. Independente de todas as dificuldades encontradas no seu cotidiano de trabalho, Conceição ainda consegue ter motivação sentir-se motivada com ele. De acordo com Dejours (2004), a motivação no trabalho está ligada a autonomia concedida ao trabalhador, às condições de trabalho, ao reconhecimento e ao salário. Corroborando com esse entendimento, a professora Conceição criou estratégias criativas para se manter motivada no trabalho, gerando mecanismos próprios, como a criação de ferramentas didáticas distintas que minimizam os fatores externos que poderiam desestabilizá-la profissionalmente e emocionalmente.

De tal maneira, para suportar o sofrimento existente no seu ambiente de trabalho e continuar realizando sua atividade da melhor forma possível, se vê obrigada a criar uma relação harmoniosa entre o trabalho real e o prescrito, visando transformar o seu sofrimento em criatividade.

Se a realização da sublimação não é garantia absoluta de saúde mental e física, as condições organizacionais propícias à criatividade têm, em todo o caso, para o sujeito, o interesse de fazer de seu trabalho um teatro de luta para negociar seu sofrimento e conquistar sua identidade. Se o trabalho faz, de fato, ressaltar seu sofrimento, ele lhe promete, em troca, um prazer que poderia jogar, em favor de seu equilíbrio psíquico e de sua saúde mental. (Dejours, 1996, p. 172)

O processo de modificação do sofrimento em criatividade é contínuo, já que o sofrimento é constantemente determinado pela realidade. É no meio de trabalho e nos acontecimentos da vida que a pessoa terá ferramentas para chegar no sofrimento criativo. O sujeito pode transformar o seu ambiente de trabalho em um local de mudança de perspectiva na busca pela sua identidade (DEJOURS, 1996).

O prazer que a professora sente quando vê que, de alguma forma, ajudou uma criança ou adolescente pelo ensino é imensurável. Outro fator a se levar em conta é a relação que a mesma tem com seus colegas, a rede de apoio criada entre ela e outros professores pode ser vista como uma forma de reconhecimento entre pares. Dessa maneira, a relação de apoio acaba por também ajudar significativamente na resignificação encontrada na fala de Conceição.

Dado todo o relato, vislumbra-se que Conceição vai ressignificando sua trajetória como professora e, a cada vitória, seja ela individual, na sala de aula e/ou de forma coletiva nas lutas sindicais, ela dá um novo significado à sua história de vida.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que através da literatura e das narrativas da história de vida de Conceição foi possível refletir sobre a questão da educação pública nos dias atuais. A possibilidade desse contato com um profissional da educação, da rede pública de ensino, possibilitou verificar que é ele o detentor de um olhar extenso sobre a realidade escolar, ao mesmo tempo em que possuem discursos que enfatizam a "crise" que se atravessa.

Sendo a história de vida uma reconstrução de lembranças a partir de uma narrativa, a fala de Conceição, apesar de única e singular, demonstrou a realidade de muitos servidores públicos e consecutivamente da carreira docente no Rio Grande do Sul. O depoimento aqui descrito corrobora com o que a literatura já enfatiza quanto aos problemas vivenciados pelos professores, trazendo a tona à depreciação da carreira pública e simultaneamente da profissão docente.

Porém enfatizou-se também, o quanto os profissionais da educação tentam resgatar a importância da profissão como algo transformador para a realidade social.

O objetivo maior nesse trabalho foi compreender como um professor, inserido em uma realidade que pode ser muito dura, extrai o prazer do seu trabalho e pode minimizar o sofrimento gerado por ele.

Ao estudar mais a fundo o prazer e sofrimento no trabalho, e mais especificamente na área docente, a escolha de fundamentar esse estudo com base na psicodinâmica do trabalho e nos estudos de Christophe Dejours foi algo natural no decorrer da jornada.

Dentre os fatores causadores do sofrimento no trabalho de magistério, a partir da história de vida de Conceição, destacam-se: a falta de valorização, reconhecimento, precarização do trabalho do professor e do ambiente educacional e a mudança do olhar da sociedade para essa profissão.

Não obstante a este cenário, o trabalho de professora traz, para Conceição, um sentido de utilidade que é verbalizado mais como prazer do que sofrimento, sendo esse aspecto um dos pontos de apoio utilizado por ela para transformar o sofrimento em prazer. Outro ponto de apoio destacado pela professora estudada, é o valor social que a sua atividade gera, dando sentido ao ato de educar como meio de transformar o outro num indivíduo melhor; a liberdade, ainda que rasa, existente

em sala de aula e a solidariedade entre os docentes são pontos que também se destacam. Esses fatores são os que mais se relacionam com o prazer da professora no magistério, reforçando assim a sua subjetividade, tornando-se um elemento imprescindível para a transformação do sofrimento, por si só, em um sofrimento criativo.

Ressalta-se em meio a condição vivida e relatada por Conceição sobre o sentimento e reconhecimento vividos pelos professores, faz parte da produção do sofrimento pelo professor, a falta de reconhecimento demonstrada pelo Estado – sobretudo, com através do parcelamento de salário, pois não estabelece um retorno reconhecido pelo trabalho exercem, já que não recebem.

A maneira como o servidor público estadual estrutura seu sofrimento na linguagem é um passo decisivo em sua política de subjetivação. A forma como os professores agem ao sofrimento gerado, pelos atrasos de salários, podem ser letais. Sendo também papel do governo, como responsável pela implementação de políticas públicas da educação e, ainda, pela gestão das escolas públicas, pensar na prevenção de riscos de adoecimento relacionados ao trabalho; disponibilizando condições físicas para que esses profissionais possam realizar com maior prazer às suas atividades; sendo esse, defendido por este estudo como papel principal do mesmo.

Pode-se dizer, com total certeza, que em todas as organizações de trabalho há problemas que geram inúmeras formas de sofrimento a seus profissionais. Porém, na profissão de educador, os problemas enfrentados é algo que vai além da organização, pois está ligado a uma estrutura que está em ruínas. Assim, o sofrimento passado por eles carece de ser ouvido e levado a sério pela sociedade, que há muito tempo encontra-se alienada quanto à importância do ensino público, bem como do seu direito a ele.

Por fim, exalta-se a obra de Dejours que possibilitou a compreensão sobre a relação entre o sofrimento, o prazer e o trabalho, sendo impossível abordar qualquer um desses assuntos sem que se passe por algum conceito elaborado por ele.

Destarte, frisa-se que noção de sofrimento enriquece o cálculo gerencial com a variável da história única do trabalhador, articulando o pessoal com o coletivo (DEJOURS, 1992, p.161).

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**. 6a ed, São Paulo: Boitempo, 2002a.
- BAZZO, E. F. **Algumas considerações sobre a saúde mental dos funcionários públicos**. *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 17, n. 1, p. 41-44, 1997.
- BIANCHETTI, RG. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. 4ªed. São Paulo: editora Cortez, 2005.
- BORGES, L. O. As concepções do trabalho: Um estudo de análise de conteúdo de dois periódicos de circulação nacional. *Revista de Administração Contemporânea*, Rio de Janeiro, 3(3), 81-108, set./dez 1999a.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 9.394, de 20 de dez. de 1996 (LDBEN)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 out. 2020.
- BRASIL. Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado. Os avanços da reforma na administração pública: 1995-1998. **Cadernos MARE da reforma do estado**; c. 15. Brasília: MARE, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica 2018** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2018.pdf. Acesso em: 15 out. 2020.
- BRESSER PEREIRA, L. C.; SPINK, P. K. **Reforma do Estado e Administração Pública gerencial**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.
- CHANLAT, J. F. **O gerencialismo e a ética do bem comum: a questão da motivação para o trabalho nos serviços públicos**. Anais do *VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública* (pp. 8-11). Lisboa, Portugal, 2002.
- CURY, Roberto Jamil. **A Educação Básica como Direito**. In. *Cadernos de Pesquisa*, v. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008
- CURY, Roberto Jamil. **Gestão democrática dos sistemas públicos de ensino**. In. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. *Gestão Educacional: Novos Olhares, Novas Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CZEKSTER, Michele D. Valent. **Sufrimento e prazer no trabalho docente em escola pública**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, RS, 2007.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho (5ª ed. Ampliada). São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, C. **A psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade**. In: A. M. Mendes, S. C. Cruz, E. P. Facas (Org.). *Diálogos em psicodinâmica do trabalho*. Brasília: Paralelo 15, 2007.

DEJOURS, C. **Entre sofrimento e reapropriação**: o sentido do trabalho. In: LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz. Cap. 10, p. 303-316, 2004.

DEJOURS, C. **Uma visão do sofrimento humano nas organizações**. In: Chanlat, Jean François (Coord.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. Tradução Arakcy Martins Rodrigues. 3. ed. São Paulo: Atlas. v. I, p. 151-173., 1996.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**: Contribuição da Escola Dejouriana à Análise da Relação Prazer, Sofrimento e trabalho. Coordenação Maria Irene Stocco Betiol. São Paulo: Editora Atlas, 1994.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1988.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**; tradução Eduardo Brandão- 4 ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2010. - p. 429.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia** - saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Lêda Gonçalves de; FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 7-26, 2013.

FREITAS, M. E. A carne e os ossos do ofício acadêmico. **Revista Organização & Sociedade**, Salvador, v. 14, n. 42, p. 187-191, 2007.

GAULEJAC, Vincent de. **A Neurose de Classe** - Trajetória Social e Conflitos de Identidade. *História e Historicidade*. 2016.

GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GERNET, I.; DEJOURS, C. **Avaliação do trabalho e reconhecimento**. In: P. F., BENDASSOLLI e L. A. SOBOLL (Orgs.), *Clínicas do trabalho* (pp. 61-70). São Paulo: Atlas, 2011.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, 8º Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JACQUES, Maria da Graça. **“Doença dos nervos”**: uma expressão da relação entre saúde/doença mental. 2aed. *In*: JACQUES, Maria da Graça; CODO, Wanderley (Orgs). Saúde Mental & Trabalho. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002. p.98-111.

MAGESTE, G. S.; LOPES, F. T.. **O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais**. *In*: Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade, 2007, Recife. EnEPQ 2007, 2007.

MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobreimplicação e prazer. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 77-83, 2007.

MARRACH, S. A. **Neoliberalismo e Educação**. *In*: Infância, Educação e Neoliberalismo. pág. 42-56, Cortez Editora, São Paulo, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. Ed. Condensada; 1 ed, São Paulo: Edipro, 1998.

MENDES, A M. (org). **Psicodinâmica do trabalho** - Teoria, métodos e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MENDES, A M. (2007a). **Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho**. In A. M. Mendes (Ed.), *Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas* (pp. 16-30). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

MENDES, A M. **Valores e vivências de prazer-sofrimento no contexto organizacional**. Tese de doutorado não publicada. Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisa em administração**, v. 1., n. 3., 1996.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **A gestão democrática da educação no contexto da reforma do Estado**. *In*: FERREIRA, Naura Syria C.; AGUIAR, Márcia Ângela da S. (Orgs.). *Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 91-112.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Regulação educativa na América Latina**: repercussões sobre a identidade dos trabalhadores docentes. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 44. p. 209-227, dez. 2006.

OLIVEIRA, M. A. M.; FREITAS, M. V. T. Políticas contemporâneas para o ensino superior: precarização do trabalho docente? **Revista Extra-Classe**, Belo Horizonte, n.1, v. 2, ago. 2008.

PAULILO, M. A. S. **A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida**. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 2, n. 2, p.135-148, jul./dez. 1999.

PERONI, Vera, ADRIÃO, Theresa. **O público e o privado na educação interfaces entre estado e sociedade**. São Paulo: Xamã, 2005.

PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no Ensino Superior**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Relatos Oraís: do ‘indizível’ ao ‘dizível’”. **Ciência e Cultura**, v. 39, n. 3, p. 272-286, 1987.

SALLUM JÚNIOR, Brasília João. Governo Collor: o reformismo liberal e a nova orientação da política externa brasileira. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, p. 259-288, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/dados/v54n2/v54n2a02.pdf> . Acesso em: 15 out. 2020.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. 2ª edição. Revisada e ampliada. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Cortez Editora, 1994, 324 p.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. I Encontro de pesquisa em educação, IV Jornada de prática de ensino. XIII Semana de pedagogia da UEM: “Infância e práticas educativas”. Maringá, PR, 2007.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.